



OPINIÃO

Os artigos assinados publicados nas páginas A2 e A3 não expressam necessariamente a opinião de A TARDE. Participe desta página: e-mail: opiniao@grupoatarde.com.br. Cartas: Redação de A TARDE/Opinião - R. Professor Milton Cayres de Brito, 204, Caminho das Árvores, Salvador-BA, CEP 41822-900

Carrasco está de quarentena

O Carrasco está de quarentena por conta da pandemia do novo coronavírus e, como todo bom cidadão, precisa ficar em casa. Com isso, não pode sair às ruas e acompanhar os bastidores. O Carrasco aproveita para pedir que todos mantenham as orientações de higienização lavando bem as mãos e usando álcool em gel, além de permanecerem em casa para que possamos estar todos juntos contra o coronavírus. O Carrasco volta assim que este período passar. Muito em breve!

A Covid-19 e a lei de responsabilidade fiscal Ameaça global

Alessandro Macedo
Professor de Direito Público
alessandro.macedo@tcm.ba.gov.br

Em isolamento social, atendendo as medidas mundialmente sugeridas pelas autoridades competentes, me veio a necessidade de refletir sobre o impacto da pandemia sobre a saúde fiscal dos municípios.

Defensor irresignável da Lei de Responsabilidade Fiscal - LRF, cujos gestores não deram a importância devida às suas premissas ao longo destes 20 anos, mais notadamente quanto à "gestão fiscal responsável", me preocupa a situação dos municípios na luta do controle da doença, diante da escassez de recursos.

A LRF, atenta às dificuldades dos municípios, traz dentre suas pedagógicas orientações, a possibilidade de ações efetivas pela gestão pública, incorrendo em despesas, diante de situações eventuais e imprevisíveis, como estabelece o seu art. 65, que assegura, na ocorrência de calamidade pública, reconhecida pela assembleia legislativa, a suspensão da contagem dos prazos de recondução do limite de despesas com pessoal e da dívida consolidada líquida.

O que almeja a LRF, é permitir que em situações calamitosas, os entes, com o objetivo de conterem ou até mesmo atenuarem o caos, abram os seus cofres públicos, possibilitando a ocorrência de gastos com pessoal ou até mesmo dívidas a longo prazo. Mas importante registrar que estes gastos devem ser totalmente vinculados às medidas de contenção da calamidade pública, sob pena de desvio de recursos para outras finalidades.

A pandemia da Covid-19 é sem dúvida nenhuma um caso de calamidade pública, tendo em vista a quase interrupção das atividades públicas e até mesmo sociais, estas representadas pelo isolamento social, com forte influência no dia a dia das pessoas, e neste caso a tão evitada LRF pelos gestores, mais uma vez sinaliza (não através da sua flexibilização irresponsável), para a preocupação com a finalidade pública, a permitir ações dos entes públicos com o objetivo de evitar o agravamento da pandemia.

Espere-mos com fé em Deus, na atenção dos gestores, ao incorrerem em despesas, neste momento financeiro difícil que atravessa o país, de voltarem às suas atenções a destinação específica dos recursos a esta missão de conter a pandemia, e ainda se escorando em Deus, que nossos governantes, entendam que "erário rima com sacrário", frase esta não minha, já que não teria tal iluminação espiritual, mas sim do eterno ministro do STF, Carlos Aires Brito.

O que almeja a LRF é permitir que em situações calamitosas [como a pandemia], os entes, com o objetivo de conterem ou até mesmo atenuarem o caos, abram os seus cofres públicos

Carlos Souza Yeshua
Jornalista
carlosouzamk@hotmail.com

Nos últimos tempos todos os finais e início de ano somos surpreendidos com tragédias locais ou internacionais com números elevados de mortes. Alguns exemplos confirmam essa teoria: No dia 26 de dezembro de 2004 a Indonésia foi violentamente castigada por um tsunami que matou mais de 230 mil pessoas em diversos países do Oceano Índico; no início de 2011, na Região Serrana do Rio de Janeiro, mais de 900 pessoas morreram em decorrência das enchentes e deslizamento de terra; em 25 de janeiro de 2019 o rompimento de barragem em Brumadinho, Minas Gerais, matou quase 300 pessoas. Dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, apareceram os primeiros casos do coronavírus, que logo se espalhou pelo mundo tornando-se uma ameaça global. O número de mortes já passou dos 10 mil e continua aumentando diariamente. Será o fim dos tempos?

Essa não é a única pandemia que castiga as nações e certamente não será a última. Portanto é necessário tirar o máximo de informações para enfrentar outras "pestes" que possam aparecer. Tanto a ciência como o conhecimento teológico afirmam que a humanidade pode entrar em extinção e a Covid-19 é um sinal de que isso é realmente possível, mesmo que alguns não acreditem.

Será que essa pandemia é um castigo para que a humanidade repense suas ações? A ciência ainda não encontrou uma solução para deter esse inimigo invisível e mortal, porém não se pode perder a fé. É imprescindível seguir todos os

cuidados recomendados pelos governos e profissionais de saúde (manter o isolamento social, lavar as mãos com água e sabão ou usar álcool em gel, cobrir o nariz e boca ao espirrar ou tossir etc.), além disso, é preciso ter fé e clamar a Deus, pedindo ajuda para passar por esse momento tenebroso.

A humanidade se deslumbrou com o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia (um dos sinais do fim dos tempos) e esqueceu que acima de nós tem um Criador, digno de todo respeito e adoração. Sempre que o homem pensa em viver como se Deus não existisse, algo acontece para lembrá-lo da sua limitação humana. Este é o tempo para voltar-se para Deus e clamar por sua compaixão. Nesse momento deve-se lavar não apenas as mãos, mas corpo e alma para eliminar a ingratidão que nos afastam da proteção divina. A ocasião é oportuna para revisitar o que disse Deus em 2ª Crônicas 7:14: "E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra".

Seguindo a recomendação de Gilberto Gil: "Andar com fé tu vou/ que a fé não costuma falhar". O momento é assustador, todavia temos que manter a fé naquele que tem o poder de sarar a nossa terra!

Nos últimos tempos somos surpreendidos com tragédias com números elevados de mortes

O dia em que a Terra parou

Erivan Santana
Professor, escritor e poeta
johannesbergsantana@gmail.com

Esta é uma das canções mais conhecidas de Raul Seixas, o "maluco beleza", que se dizia capaz de se comunicar com extraterrestres, além de ter sido profundamente conectado com os movimentos de contracultura de sua época. Será que Raul realmente teve um sonho do que realmente está acontecendo nos dias atuais? Considerado o pai do rock'n'roll no Brasil, e grande cinefilo, Raul compôs esta canção após ter assistido ao filme "O dia em que a Terra parou", de 1951, dirigido por Robert Wise. No filme, o personagem Kilaat (Michael Rennie), acompanhado do robô Gort, são enviados por uma federação de planetas

para ordenar que o povo da Terra pare seus testes nucleares. De lá para cá, o mundo não somente ampliou os armamentos de guerra, mas também aumentou a devastação do planeta, com os altos índices de consumo, característica primordial do capitalismo global.

Em um dos seus versos, a canção diz "que o professor não tem mais nada a ensinar" e "o médico não tem mais nada pra curar", evidenciando uma certa ironia, característica muito presente na

Em meio a tudo isso, percebemos que o nosso SUS é uma grande conquista do povo brasileiro

maioria de suas composições, visto que o conhecimento é infinito e está sempre em questionamento, e é claro, os médicos hoje têm muito para curar.

De qualquer forma, a letra da música prevê o colapso do sistema - que para o sociólogo Emile Durkheim, deve ser harmônico entre todas as suas partes, o que evidentemente não acontece nos dias que correm, haja visto a crescente desigualdade social, a violência, a degradação constante do planeta, exaurindo-se aos poucos para dar conta da sede de consumo da sociedade moderna.

Os sinais são visíveis, como os recentes incêndios na Austrália, as queimadas e a degradação na Amazônia, o aumento da temperatura do planeta, ano após ano. E eis que de repente, como diz na canção "O dia em que a Terra parou", somos obrigados a ficar confinados em nossas casas, levando-nos a um encontro consigo mes-

mos e com o próximo, e, como sempre acontece nesses casos, o homem é levado a refletir sobre o sentido e o valor da vida, o que não aconteceria, se dependesse da simples boa vontade de todos.

É triste, é penoso, é sofrido tudo o que está acontecendo, ficamos abismados, quando vemos países ricos e desenvolvidos sem ter muito o que fazer, e quando constatamos que a ciência e a tecnologia, em que pese o seu desenvolvimento, não têm nenhum domínio sobre a natureza.

Em meio a tudo isso, percebemos que o Estado ainda tem um papel forte e gerenciador na economia, e que o nosso SUS é uma grande conquista do povo brasileiro, que necessita, na verdade, de mais apolo e incentivo.

Que após vencermos estas dificuldades e este momento atual, possamos nos tornar pessoas melhores, mais humanas e fraternas.

ESPAÇO DO LEITOR

opiniao@grupoatarde.com.br

✎ Mourão pisou na bola

Leio na edição de 20.03.2020 deste jornal - espaço Tempo Presente - manifestação do vice-presidente da República, General Hamilton Mourão, em defesa do deputado federal Eduardo Bolsonaro. Com efeito, diferentemente da postura nada compatível com o elevado cargo pelo sr. presidente, o Gal. Mourão vinha a todos surpreendendo com suas equilibradas e até sensatas declarações em torno dos mais variados e polêmicos assuntos administrativos no País. De repente, parece que foi contagiado pela postura do denominado "mito", inclusive atribuindo ao deputado um sobrenome (Bananinha) que muito lembra gestos habituais do presidente, em frequente desrespeito ao povo e à imprensa nacionais. Como é sabido, os 3 filhos do presidente são useiros e vezeiros em comandar atitudes ou declarações chocantes e acusações infundadas, a exemplo das que, ao início da atual administração federal, levou à demissão injustificável do recém falecido ex-ministro Gustavo Bebianno. E o Gal. Mourão afirma que o Eduardo não representa o governo... Se ele, na condição de parlamentar federal e influente como seus irmãos, não representa o governo, seria por acaso um José

das Virgens qualquer, morador de rua, que teria status para tanto? Acho que o General, desta feita, pisou na bola. HILDENDEJUNES FREITAS, FREITAS1939@GMAIL.COM

✎ Isolamento

Autoridades sanitárias recomendam uso de álcool gel, lavagem frequente das mãos, largagem de roupas e isolamento físico de idosos. Como fazer isto em população de pobreza como a nossa? Famílias que vivem abaixo da linha de pobreza, muitas com ren-

da inferior a um salário mínimo? Como agravante, grande parte da população não conta com esgoto. As moradias, em sua maioria não apresentam sequer espaço físico adequado. Por vezes dormem 3 a 4 pessoas na mesma cama. Vimos esta semana em um canal de TV famílias que compram 2 sabonetes para um mês. Sugiro que se faça campanha para doação de sabonetes, pasta dental, água sanitária, sabão em barra e em pó, produtos bem básicos para higiene. Quanto à logística, haverá indivíduos ou órgãos que se encarregam de fazê-lo. FLORENCE VON SOHSTEN, LUIZSOHSTEN@UOL.COM.BR

✎ Política habitacional na Bahia

Desde os primórdios do Banco Nacional da Habitação, órgão já extinto, que o governo federal determinava as regras e normas de planejamento e execução dos programas habitacionais lançados para diminuir o déficit de habitações nos estados. Concomitante com o BNH foram criadas Companhias de Habitação nos municípios mais populosos para fazer o papel executivo dos programas. O BNH financiava as unidades habitacionais, o terreno e parte da infraestrutura necessária. Atendia as famílias de baixa renda, onde eram

inscritas e selecionadas para adquirirem seus imóveis de 1, 2, 3 e até 4 quartos. Existiram ainda os lotes urbanizados e prédios de 4 pavimentos, de escada, com 2 e 3 quartos. Tudo era feito com muito cuidado e acompanhado por assistentes sociais, sociólogos, arquitetos e engenheiros. As Cohabs faziam projetos e a obra era licitada com as empresas de engenharia que se candidatassem. Os empreendimentos eram analisados pelo BNH e, quando aprovados, o contrato de empréstimo era assinado entre as partes. Essa explicação me ocorreu pois hoje me deparei com uma notícia de que o governo estadual pretende transformar os prédios antigos e históricos do Complexo do Pelourinho em conjuntos habitacionais para revitalizar o Centro Histórico. Ora meu Deus, de onde surgiu essa ideia? Isso já foi feito uma vez, na tentativa de colocar habitantes uns em cima dos outros nos terrenos ocupados 100%. Não foi bem sucedido. A experiência era para que se desse certo fosse repetido em outros terrenos. Existem técnicos reconhecidamente capazes de pensar e realizar em outras áreas da cidade. Numa cidade com tantas igrejas e devotos de santos isso é um sacrilégio. CRISTINA ARAUJO, TI-NA_VENTURA2005@YAHOO.COM.BR

De repente, parece que [Hamilton Mourão] foi contagiado pela postura do denominado "mito", inclusive atribuindo a Eduardo Bolsonaro um sobrenome (Bananinha)